



## UMA PRETENZA VOLTA AO PASSADO

CASTRO BARRETO

De tempos a tempos e já hoje mais espaçadamente, aparece alguém, geralmente em jornais estrangeiros, defendendo a imigração e a colonização por grupos étnicos ou étnias considerando as vantagens desse sistema *colonizador* para povoar o Brasil. É esse um fenômeno muito conhecido pelos estudiosos desses assuntos, que tomou o nome de etnocentrismo: cada grupo nacional de imigrantes considerando-se superior aos outros e consequentemente não desejando misturar-se aos demais e particularmente aos gentílicos, pelos quais em geral, revelam certo desprezo.

Desta feita é um autor de nome bem brasileiro o Sr. Fernando Bastos de Avila, declarando seus títulos, inclusive fazendo parte do novo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, professor de Ciências Políticas e Sociais da Faculdade Católica, e membro da erudita Companhia de Jesus e, provavelmente ainda dono de outras funções que nos apresenta nas colunas do "Correio da Manhã" defendendo o isolamento dos grupos

racionais ou etnias, dizendo aos que se batem pela unidade cultural, pela homogeneidade desta Nação, pelo estabelecimento de núcleos plurinacionais que "supomos que basta borrifar os estrangeiros pelos núcleos nos quais rapidamente se assimilam ao elemento nacional garantindo assim um pleno sucesso à obra colonizadora.

O autor deste essurgimento isolacionista, que é afinal o racismo sem disfarce, inicia o seu artigo definindo de um modo categórico a palavra assimilação tomada num sentido muito diverso do que tem ela em antropologia. Assimilar imigrantes de várias etnias não é absolutamente "o processo pelo qual dois seres dissimiles se tornam semelhantes".

A assimilação de imigrantes, sendo antes de tudo cultural, não tem por objetivo tornar os seres semelhantes mas identificá-los culturalmente, processo para o qual devem concorrer as duas culturas *postas em contacto* e das quais cada um é portador — é a aculturação.

Na assimilação biológica que se segue geralmente à precedente, tampouco se pretende tornar os seres semelhantes que não os há em parte alguma, especialmente em país como o nosso que ostenta a maior fusão de raças (stocks) de todo o mundo, mas dar à sociedade que êles formam o máximo de unidade social e política que só é obtida, afinal, onde essa fusão se opera.

Estamos com o professor Carr-Saunders: "Difícilmente poderia haver harmonia numa comunidade na qual os seus membros não podem lograr a mútua fecundação" (1).

Mas o pior é que o Sr. F. Bastos de Ávila considera toda a contribuição aculturativa da nossa gente como degradação e toda contribuição do alienígena, como promoção: "Para assimilar jéca-tatus não é necessário uma política de colonização. A única assimilação que pode ser razoavelmente visada por meio de uma política de colonização é a assimilação por promoção. Por outras palavras, o objetivo de nossa política não é a "caipirização" do elemento alienígena, ect.". Enfim, há além de tudo uma falta de humanidade da parte do ilustre irmão de Anchieta em não reconhecer as admiráveis qualidades do nosso gentilico na contribuição aculturativa, com o seu extraordinário poder adaptativo que lhe reconhecem todos os que autorizadamente o conhecem. Chefes de grandes indústrias, como o General Edmundo Macedo Soares: "É opinião generalizada que os latino-americanos, em todos os escalões do trabalho, aprendem com relativa facilidade, adquirem senso de responsabilidade e trabalham com rendimento satisfatório nos ramos de atividade em que atuam. Os mais altos níveis técnicos nas profissões que exigem qualidades pessoais, são atingidos por êles: na medicina, na advocacia, na engenharia, nos misteres artesanais e

nas tarefas de operários na indústria moderna (2). Ou ainda os engenheiros da grande cerâmica de São João, em Recife, que me apontavam os seus admiráveis operários e chefes de serviço dizendo-nos: "Há quatro anos, o homem que dirige aquêles enorme forno elétrico, era lavrador de cana e mandioca; aquêles adolescente que com admirável perícia desenha à mão a porcelana, era um humilde "jéca-tatú".

Todos os que falam com profundo conhecimento do nosso povo dêle fazem conceito idêntico: agrônomos e fazendeiros, mineiros, militares, que com êles privam através do recrutamento e sociólogos que sobre êles têm estudos de campo, como Samuel Benchimor, referindo-se ao nordestino que vai para a Amazônia: "Não conheço gente mais inteligente e perspicaz. Entendem as coisas de longe, aprendem as coisas depressa. Uma capacidade de observação fora do comum, excepcional mesmo. Uma linguagem forte, imaginosa, precisa. Às vezes basta uma frase sua para iluminar uma tése. Definem admiravelmente o que querem" (3). Esta gente não degrada, contribui, promove, aperfeiçoa também.

Temos a impressão de que o Senhor Bastos de Ávila conhece muito pouco a nossa gente, particularmente a nossa gente rural; S.S. foi urbanista na meninice e passou muitos anos no estrangeiro, onde estudou e se deslumbrou com o alto nível cultural, educacional, dos povos nórdicos, mas deveria antes de escrever sobre a população brasileira conhecê-la mais de perto nas suas admiráveis qualidades éticas, na extraordinária capacidade de assimilar conhecimentos e técnicas que em geral não lhes são ministradas nas escolas, mas por um esforço autodidático e por uma grande ânsia de aprender e evolver. O seu padrão não deve ser tomado pelo bravo mateiro derrubador e

(1) Poblacion — México — 1942, pág. 220.

(2) E. Macedo Soares — Fundamentos técnicos da indústria primária e de transformação na América Latina, "Revista do Conselho Nacional de Economia" — III — 7-954.

(3) ..... S — o Cearense na Amazônia — "Rev. de Imigração e Colonização" — VI — 380 — 4-945.

muito menos pelo analfabeto e es-corraçado jéca-tatú, vivendo isolado à margem da lagoa ou dos grandes rios, sem nenhuma vantagem da vida civilizada.

Fala-nos o Sr. Bastos de Ávila da "absorção de imigrantes" e faz muito bem em empregar esta expressão, bem de acôrdo com as idéias que expõe. O Brasil deveria absorver milhões de alienígenas mas não assimilá-los; devem conservar-se em seus núcleos de acôrdo com o esquema proposto, porque "nos Estados Unidos o imigrante sentir-se-á ufano de tornar-se americano, filho de uma grande pátria". Mas aqui não. Posso assegurar ao Sr. Bastos de Ávila que aqui no nosso Brasil os imigrantes já se sentem igualmente ufanos de se tornarem brasileiros e há mesmo certos conflitos familiares entre o centrismo de alguns pais e o tremendo brasileiroismo dos filhos, desde que não permaneçam em núcleos isolados.

Sôbre a política adotada nos séculos passados pelos Estados Unidos com referência à colonização, me permitirei lembrar ao defensor do isolamento das etnias na colonização, que ainda muito maior foi a liberdade no Brasil, onde nunca se tomou conhecimento, nem mesmo numérico, dos que entravam. Atualmente porém, desde o nazihipo-fascismo as coisas tiveram de mudar e só quem desconhece ou finge desconhecer a gravidade do isolamento nas colônias do Sul (alemães, nipônicos e até polonezes), poderá asseverar que são raros os "quistos raciais" (culturais) a que deu lugar êsse preconizado isolamento, dizendo que: "Se o grupo alienígena tem uma função de promoção, êle só poderá realizá-lo mantendo-se unido. Dissolvido numa maioria autóctone o elemento estrangeiro tem tôdas as probabilidades de se assimilar por degradação, por caipirização". Preconiza o grupo uninacional "para não desvincular bruscamente o imigrante de tôdas as suas radicações culturais e sentimentais".

Mas quem é que deseja isto? Serão todos os que se têm ocupado

do assunto neste país, tão ignorantes, tão bisonhos em ciência social que não compreendam que isto não é possível? Então considera-se quisto, a que S.S. chama "fenômeno raro", todo grupo imigrado que conserva por *algum tempo* (o grifo é nosso) sua identificação? Vê-se bem que o Sr. F. Bastos Ávila nunca visitou uma colônia japonesa ou alemã, onde, apesar das medidas tomadas durante a guerra, ainda os conscritos do Exército não falavam o português e, apesar de tôda a sua evolução, de 1945 para cá, os consulados nipônicos continuam a registrar os filhos de japoneses nascidos, no Brasil, como súditos de Sua Magestade, criando o grave problema da dupla nacionalidade, do *jus sanguinis*.

Aconselha ainda no seu fervor isolacionista, uma "assimilação sem perda de características", isto é, "os grupos conservando a sua autonomia". "Assim as diversas etnias podem, por longo tempo, manter-se idênticas a si mesmas e perfeitamente integradas ao meio por um fenômeno de "simbiose". Ora, ou há assimilação ou há simbiose, fenômeno que consiste na vida de um grupo em harmonia de trocas, mas mantendo os caracteres respectivos. Sua confissão de grupos em simbiose traduz o pensamento do Sr. Bastos Ávila, que é, de fato, contra a assimilação, pelo isolamento dos alienígenas, para que êles não se "caipirizem" não se degradem.

Fazendo tábula-rasa de tudo quanto se tem estudado e registrado no Brasil cita o Sr. Bastos Ávila certos autores como um certo racista, Sr. Leo Weibel, que é um denegridor sistemático do Brasil e de tudo que é brasileiro: a gente, os climas, a natureza... Numa reunião de geógrafos aqui no Rio de Janeiro escreveu sôbre o Planalto Central de Goiás, que ali: "a curva anual de temperatura é tipicamente tropical, não sabemos se em tais circunstâncias uma população européia, principalmente centro-européia, possa preservar através das gerações sucessivas, sua pujança física e intelectual". Quanto

ao resto do Brasil, do Espírito Santo ao Amazonas, que o mesmo Senhor confessou, de público, jamais ter visitado, seria absolutamente impraticável para receber imigração européia.

Que outros brasileiros que vão ao Norte da Europa estudar não voltem de lá com o conceito de im-

prestabilidade degradante dos seus compatriotas, que andam, apesar de tudo, construindo esta nação gigantesca, são os nossos votos.

É muito tarde para os portadores de paranoia racial e muito mais tarde ainda para imperialismos, para *revenants* e para "evadidos do passado".

## **AOS COLABORADORES !**

Como **COOPERAÇÃO** muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, conseqüentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Datilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando **UMA SÓ FACE DAS FÔLHAS DE PAPEL** e deixando espaço duplo entre as linhas.

2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.

3. Coloquem, preferentemente, em fôlhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).

4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.

5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, citem essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho ; no caso contrário, obtenham autorização prévia.

6. **REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS** observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, de zembro de 1943, Imprensa Nacional).

7. Assinem a última fôlha e **INDIQUEM O ENDE-REÇO ATUAL** para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.